

CATÁLOGO HISTÓRICO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO FEMINISTA ELINA GUIMARÃES

OS FEMINISMOS ATRAVÉS DAS SUAS AUTORAS

**Trabalho elaborado por Catarina Paiva
Mestranda em Estudos sobre as Mulheres. As Mulheres na
Sociedade e na Cultura – Universidade Nova de Lisboa**

INTRODUÇÃO

Neste catálogo feito a partir de obras de referência do Centro de Documentação e Arquivo Feminista Elina Guimarães, os feminismos na sua pluralidade de correntes entrelaçam-se com as suas autoras. Trata-se de uma “viagem” através dos tempos, onde as obras vão surgindo por ordem cronológica, caracterizando-se algumas vivências das mulheres que ousaram na sua época escrever, transmitir pensamento e contribuir para uma história dos feminismos.

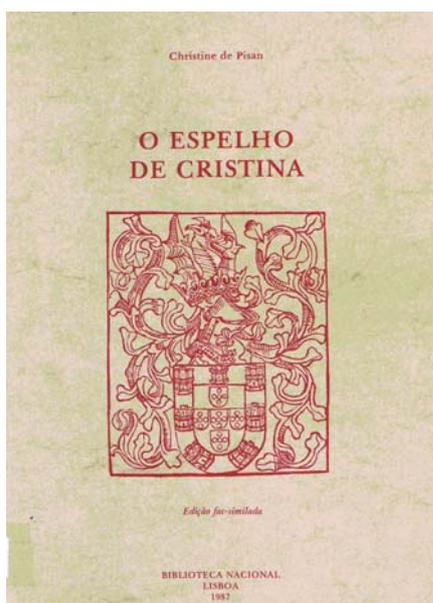
Deste modo, foram tratadas as (os) seguintes autoras (es): Christine de Pisan, Mary Wollstonecraft, Regine Pernoud, Elisabeth Stanton, Susan B. Anthony, Virginia Woolf, Emmeline Pankhurst, Alexandra Kollontai, Simone de Beauvoir, Maria Archer, Doris Lessing, Betty Friedan, Germaine Greer, Shulamith Firestone, Robin Morgan, John Stuart Mill, Mary Nash, Maria Lamas, Juliet Mitchell, Vivian Gornick e Barbara K. Moran, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Sheila Rowbotham, Kate Millet, Erin Pizzey, Boston’s Women’s Health Book Collective, Juliet Mitchell e Ann Oakley, Candida Curzi, Hélène Cixous, Magda Simola e Lydia Sansoni; Maria Antónia Palla, Robyn Warhol, Diane Herndl, Manuel Lisboa, Christine Ockrent e Anne Cova.

CHRISTINE DE PISAN (1363 – 1430)

Christine de Pisan nasceu em 1363, em Itália. Todavia mudou-se para França com a sua família para ficar ao abrigo da corte do rei D. Carlos V, recebendo uma educação cultural e artística. Casa-se e tem três filhos, mas aos 26 anos de idade fica viúva e começa a dedicar-se à criação literária. Contudo, somente com a morte do pai se vê forçada a rentabilizar a sua escrita para poder sustentar a sua família, de quem se tornara a chefe.

A autora redigiu livros tratando assuntos como a educação e os direitos das mulheres na sociedade em que vivia. Entre as suas obras destacam-se *O espelho de Cristina* e *A cidade das Mulheres*. A autora é considerada a primeira escritora profissional da Europa. Devido à época em que viveu Christine revela-se uma mulher de pensamento revolucionário e imbuída de uma capacidade de análise e pensamento progressistas.

O espelho de Cristina



O espelho de Cristina é um tratado sobre a educação e a forma de viver na sociedade. A autora escreveu este tratado quando tinha 42 anos de idade.

A primeira versão portuguesa desta obra é mandada fazer pela rainha D. Isabel, entre 1447 e 1455.

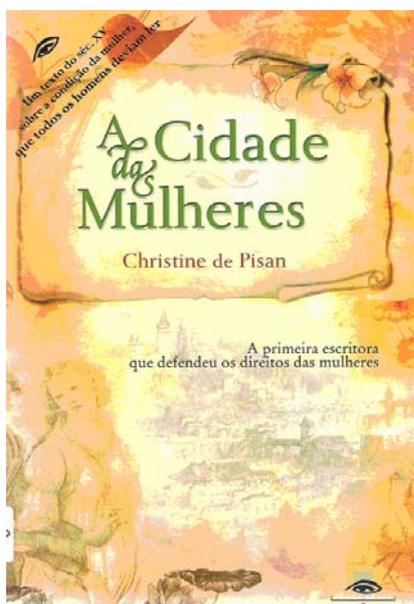
O espelho de Cristina é um reflexo da vida social e intelectual das mulheres na Idade Média. Pisan defende a valorização das mulheres através da educação e da aprendizagem do moralmente e socialmente correcto, assim como a sua emancipação enquanto seres humanos em igualdade face aos homens.

Pisan defende que as mulheres podem ter os mesmos direitos que os homens, mas sem necessidade de se tornarem iguais a eles. A igualdade atinge-se através da valorização das capacidades das mulheres.



PISAN, Christine de
O espelho de Cristina [Edição fac-similada] / Christine de Pisan (1364-1430) ; introd. Maria Manuela Cruzeiro. - 1ª ed. - Lisboa : Biblioteca Nacional, 1987. - [4], 68 f. : fac-simil.; 28 cm
Cota: 1.1. PIS/ESP - 249 CDAF 00201

A cidade das Mulheres



A autora cria uma cidade simbólica, onde as mulheres vivem de forma autónoma e independentes. Pisan cria três figuras alegóricas: a Razão, a Justiça e a Rectidão, com as quais mantém um diálogo, onde questões relativas à condição das mulheres são abordadas e exploradas. O texto surge como forma de responder à misoginia patente em textos de escritores da época, celebrando as mulheres e as suas conquistas.

PISAN, Christine de
A cidade das mulheres / Christine de Pisan (1364-1430). - Almargem do Bispo : Coisas de Ler, 2007. - 142 p. ; 21 cm
Cota: 1.1. PIS/CID - 110 CDAF 00091

MARY WOLLSTONECRAFT (1759-1797)

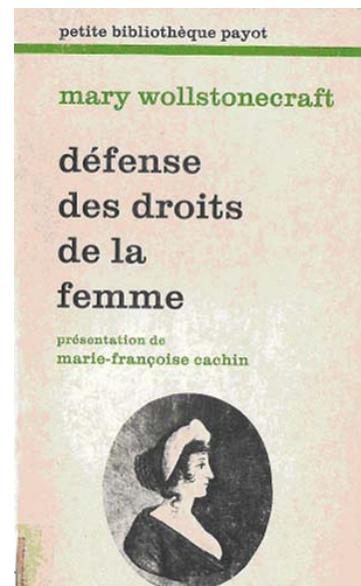
Mary Wollstonecraft nasceu e viveu no século XVIII e é considerada a primeira feminista britânica. Ao longo da sua vida escreveu cartas, novelas, e até um livro para crianças, todavia ela é reconhecida pelo seu tratado *A Vindication of the Rights of Women*, publicado em 1792. Wollstonecraft teve uma filha, Mary Shelley, autora da conhecida obra *Frankenstein*.

A publicação de uma memória póstuma fê-la ser largamente criticada, até que a emergência do movimento feminista no século XX fez redescobrir e reforçar a sua importância e do seu tratado para o movimento feminista.

Défense des droits de la femme (Título original: A vindication of the rights of Woman)

O tratado, *A Vindication of the Rights of Woman* (versão original, 1792), reflete sobre os direitos das mulheres. Mary Wollstonecraft aborda a questão da igualdade entre mulheres e homens, defendendo que as primeiras somente aparentam ser inferiores pelo facto de não terem acesso à educação.

As mulheres devem ter uma educação de acordo com o papel desempenhado na sociedade, na medida em que são elas quem cria e educa os filhos, "tornando-se indispensáveis à nação". Além disso, as mulheres podem ser companheiras dos seus maridos e não apenas suas criadas. Esta alteração promoveria uma sociedade justa e igualitária, onde as barreiras impostas às mulheres seriam abolidas. De forma a defender as suas ideias, Wollstonecraft insere no seu



tratado um plano de educação, onde as mulheres e os homens são educados de igual forma.

WOLLSTONECRAFT, Mary

Défense des droits de la femme / Mary Wollstonecraft ; pref. e trad. Marie-Françoise Cachin. - Paris : Payot (1976). - 239, [3] p. ; 18 cm. - (Petite Bibliothèque Payot ; 273)

Título original: A Vindication of the Rights of Woman. Trad. do francês.

Cota: 1.1. - WOL/DEF - 115 CDAF 00095

REGINE PERNOUD (1909-1998)

Nasceu em França e tornou-se numa das figuras de maior relevo no estudo da História Medieval. A autora tornou-se numa especialista sobre Joana D'Arc e em estudos da Idade Média onde analisa a condição das mulheres, tendo publicado várias obras sobre o tema.

La femme au temps du cathédrales

A obra analisa o papel das mulheres no século XV.

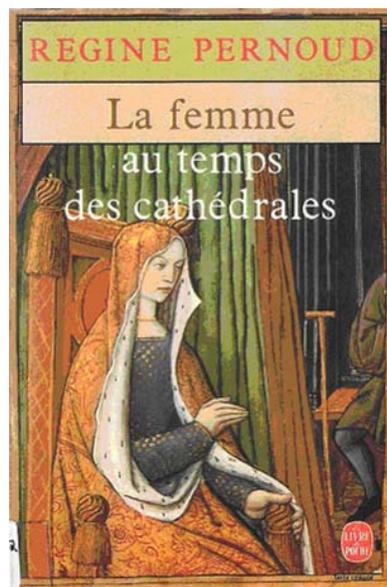
A autora revela uma condição de ser Mulher diferente do estereótipo existente à volta da Idade Média, enquanto Idade das trevas para as mulheres. Existiram outras mulheres, segundo a autora, que desempenhavam papéis fulcrais e de extrema

importância nas cortes, nas artes, como religiosas, médicas, escritoras e pintoras. As mulheres eram consideradas adultas com doze anos, dois anos antes dos rapazes.

PERNOUD, Regine

La femme au temps des cathédrales / Regine Pernoud. - Paris : Stock, 1980. - 376, (4) p ; 17 cm. - (Le livre de poche ; 5690). Trad. do francês.

Cota: 1.1. - PER/FEM - 52 CDAF 00037

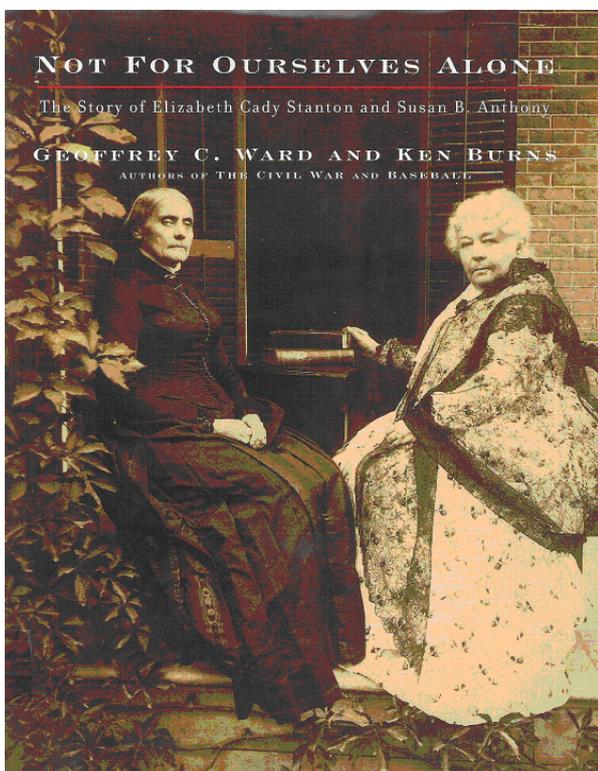


GEOFFREY C. WARD (1940 - ...) / KEN BURNS (1953 -...)

Geoffrey C. Ward nasceu nos EUA, em 1940, e reside em Nova Iorque. A sua vida tem sido dedicada à história e à realização de documentários. Ao longo de 14 anos escreveu uma coluna mensal para a revista *American Heritage*. Desde 1984 que tem colaborado com Ken Burns na realização de vários documentários e obras, entre elas o filme documentário *Not For Ourselves Alone: The Story of Elizabeth Cady Stanton and Susan B. Anthony*.

Ken Burns nasceu nos EUA, em 1953, e realiza documentários há mais de trinta anos. Burns é o produtor do filme *Not for Ourselves Alone: The Story of Elizabeth Cady Stanton and Susan B. Anthony*, realizado com Geoffrey C. Ward.

Not for Ourselves Alone: The Story of Elizabeth Cady Stanton and Susan B. Anthony



O livro é inspirado no documentário com o mesmo título. A obra relata a história de duas extraordinárias sufragistas norte-americanas: Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Anthony. Ao longo da obra assiste-se ao desenrolar das suas vidas, marcadas pela conquista do direito de voto das mulheres. Elisabeth Stanton e Susan B. Anthony, provenientes de duas classes sociais antagónicas unir-se-ão nesta luta sufragista.

Elizabeth Stanton (1815-1902) foi uma activista americana que pertenceu ao primeiro movimento de mulheres. A sua *Declaração dos Sentimentos*, apresentada na primeira convenção de mulheres, em 1848, em Seneca Falls, Nova Iorque, marca o início do movimento organizativo das sufragistas nos Estados Unidos.

Susan B. Anthony (1820-1906) foi uma activista dos direitos civis americanos, que, juntamente com Elisabeth Stanton, desempenhou um papel fundamental na luta pelo sufrágio das mulheres nos EUA. Ela viajou pelos Estados Unidos e pela Europa ao longo da sua vida, proferindo discursos sobre os direitos das mulheres.

WARD, Geoffrey C.

Not for Ourselves Alone: The Story of Elizabeth Cady Stanton and Susan B. Anthony / Geoffrey C. Ward ; pref. Ken Burns ; introd. Paul Barnes. - 1ª ed. - New York : Knopf, 1999. - 244 p. : il., fotos, ilustrações ; 26 cm. Trad. do inglês.

Cota: 1.2. - WAR/NOT - 649 CDAF 00521

VIRGÍNIA WOOLF (1882-1941)

Virginia Woolf nasceu em Inglaterra, em finais do século XIX, no seio de uma família da pequena aristocracia. Com a morte de seu pai, a família muda-se para Bloomsbury, onde nasce o famoso grupo de artistas de Bloomsbury.

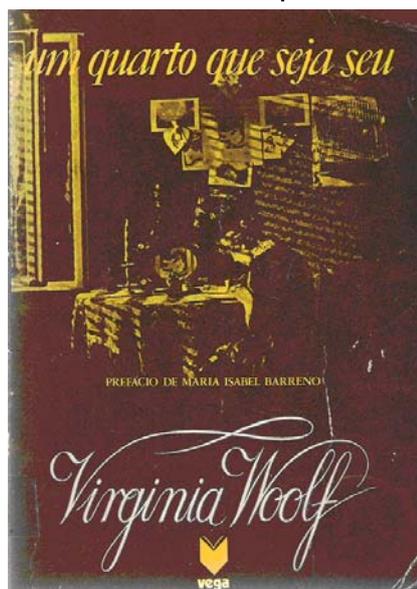
Virgínia casa-se aos 30 anos com Leonard Woolf, tornando-se os dois detentores de uma das maiores editoras inglesas na época. Todavia, a grande paixão de Virgínia é a escrita à qual se dedica de corpo e alma. Contudo, seria esta escrita que a levaria a padecer de uma depressão profunda que culminou no seu suicídio no rio Ouse, perto de sua casa, em 1941.

Um quarto que seja seu

O seu ensaio *Um quarto que seja meu* nasce a partir de duas conferências dadas nas universidades femininas de Newnham e Girton, em Cambridge.

Virgínia Woolf escreve sobre as consequências das condições de vida das mulheres na escrita, reflectindo sobre a construção da identidade das mesmas na sociedade. A autora estabelece paralelos entre a vida das mulheres e a dos homens, revoltando-se contra a sua própria condição imposta pela sociedade.

Partindo das suas reflexões sobre a sociedade patriarcal em que se encontra inserida, Woolf interroga-se sobre a possibilidade das mulheres entrarem no mundo masculino, abalando-o e lutando por mudanças, ou se devem explorar a possibilidade de criar um novo mundo.



WOOLF, Virginia

Um quarto que seja seu / Virginia Woolf ; pref. Maria Isabel Barreno ; trad. Maria Emília Ferros Moura. - Lisboa : Vega, 1978. - 132 p. ; 20 cm. - (Fecunditas)

Tít. orig.: «A room of one's own»

Cota: 12.2.4 - WOL/QUA - 764 CDAF 00612

EMMELINE PANKHURST (1858-1928)

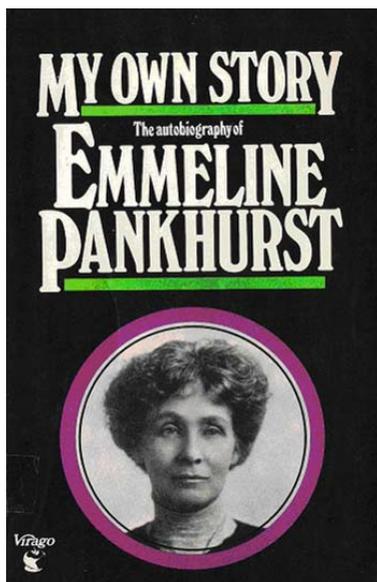
Emmeline Pankhurst, nascida em 1898, em Inglaterra, é a filha mais velha de onze crianças. Desde tenra idade Pankhurst interessou-se pelo activismo político, motivada pelos seus pais, pessoas activas politicamente da ala radical, o que fez com que aos 14 anos de idade Emmeline participasse no seu primeiro encontro sobre o direito ao

voto. Aos 19 anos casa-se com Richard Pankhurst, amigo de John Stuart Mill, e defensor activo e acérrimo do direito de voto das mulheres.

Em 1903, juntamente com a sua filha Christabel, Emmeline Pankhurst funda "The Women's Social and Political Union – the Suffragettes", tendo, desde então, lutado pela obtenção do direito de voto para as mulheres.

Pankhurst faleceu em 1928, ano em que as mulheres conseguiram ter o mesmo direito de voto que os homens. A sua vida e a sua carreira de activismo político tornam-na numa das mulheres mais notáveis e extraordinárias na história da política britânica.

My Own Story



"I break the law from no selfish motive. Not one of these women would, if women were free, be law breakers. They are women who seriously believe that the welfare of humanity demands this sacrifice; they believe that the horrible evils which are ravaging our civilisation will never be removed until the women get the vote"

A autobiografia de Emmeline Pankhurst escrita pela mão da própria. A história da mulher que mudou a história britânica com a sua luta e conquista do direito de voto para as mulheres. Os anos de dedicação, luta e esforço contínuos constroem a história da vida desta extraordinária mulher.

PANKHURST, Emmeline (1858-1928)

My own story / Emmeline Pankhurst. - London : Virago, 1979. - 364 p. : il. ; 20 cm

Primeira edição na Grã Bretanha 1914. Trad. do inglês.

Cota: 1.1. - PAN/MY _ - 99 CDAF 00080

JUDITH STORA-SANDOR

Judith Stora-Sandor é autora de inúmeras obras históricas.

Alexandra Kollontai: marxisme et révolution sexuelle

A obra de Judith Stora-Sandor, *Alexandra Kollontai: marxisme et révolution sexuelle*, retrata a vida e activismo político de **Alexandra Kollontai (1872-1952)**, feminista marxista, nascida na Rússia. A introdução desta obra contém uma biografia detalhada da vida de Kollontai, escrita pela mesma.

Alexandra Kollontai luta por uma revolução sexual, escrevendo vários obras onde defende uma forma de vida independente, capaz



de libertar a mulher, opondo-se ao casamento, enquanto instituição.

Segundo a mesma, a família é uma instituição dominadora, impositiva e impeditiva do livre arbítrio. Somente a união livre, baseada na reciprocidade e prazer mútuos, pode fornecer à mulher a liberdade económica e sexual desejada.

Kollontai acredita que esta nova forma de união promove a emancipação das mulheres, na medida em que esta pode eliminar a paixão, vista pela autora como individualista e completamente

alienante. A sua obra, *La nouvelle morale et la classe ouvrière*, publicada em 1913 reflecte este pensamento.

A autora defende a necessidade da ligação entre o poder político-social e a revolução sexual para que possam ocorrer mudanças na sociedade, lutando, por isso, fervorosamente pelo direito de voto das mulheres.

Alexandra Kollontai torna-se na primeira mulher a ser nomeada embaixadora de um país e também na única mulher pertencente ao governo de Lenine. Ela acreditava que somente a revolução marxista – socialista poderia imbuir as mulheres das condições necessárias para a sua libertação e independência. Todavia, mesmo que as mulheres alcançassem a independência económica, esta não seria suficiente para uma total libertação das mesmas, devido aos preconceitos culturais vigentes na sociedade.

O seu envolvimento político permitiu-lhe organizar o primeiro *Congresso de Mulheres Operárias*, em 1917; editar o jornal *A Operária*; fundar a organização de mulheres trabalhadoras; e ainda participar activamente na elaboração da mais avançada legislação em favor dos direitos da mulher de todos os tempos.

STORA-SANDOR, Judith

Alexandra Kollontai : marxisme et révolution sexuelle / Judith Stora-Sandor. -Paris : François Maspero, 1973. - 286 p. ; 22 cm. - (Bibliothèque Socialiste ; 25). Trad. do francês.

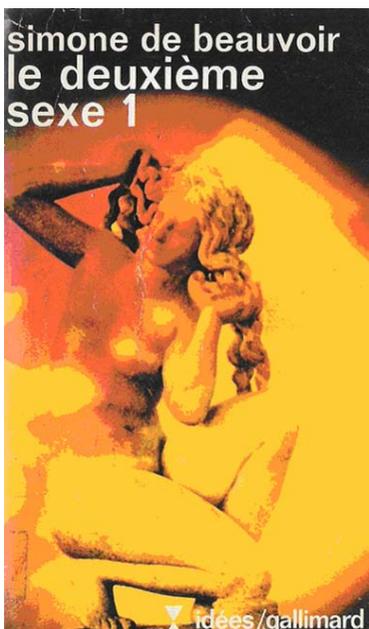
Cota: 1.6. - STO/ALE - 322 CDAF 00264

SIMONE DE BEAUVOIR (1908-1986)

Simone de Beauvoir, feminista e filósofa francesa, tem uma obra vasta que inclui romances, monografias sobre filosofia, política; ensaios e biografias. Manteve uma relação sem compromisso com Jean-Paul Sartre ao longo da sua vida.

A sua obra *O Segundo Sexo* (1949) marca o nascimento do feminismo moderno, pela análise sobre a construção social da feminilidade. Esta promoveu o nascimento de um novo conceito, o conceito de género, ou o sexo social, aquele que se constrói partindo de premissas históricas e em função do *Outro*, daí a célebre frase de Beauvoir: «On ne naît pas femmes, on le devient».

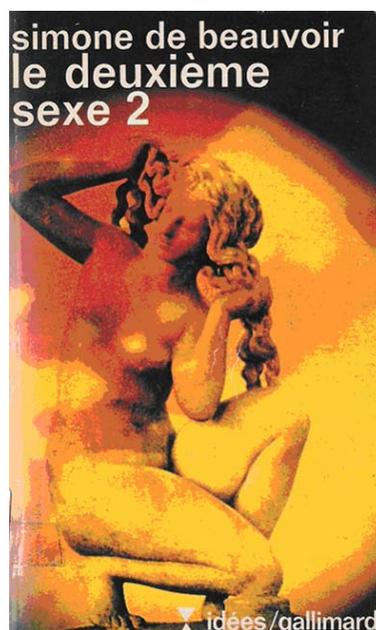
Le deuxième Sexe 1 / 2



O Segundo Sexo, publicado em 1949, divide-se em dois volumes. O primeiro volume dedica-se à desconstrução dos mitos da sociedade patriarcal, enquanto que o segundo volume se dedica à reflexão da construção social do papel das mulheres, enquanto mães e esposas, problematizando o conceito de sexo social, construído e imposto, desde a nascença às mulheres.

O Segundo Sexo é a primeira obra a rejeitar o trabalho de Freud, sublinhando-se a oposição entre homens, representantes da cultura, e mulheres, representantes da natureza. Beauvoir define as mulheres como sendo o Outro, que, na sociedade em que se encontram, se torna num sinónimo de inferioridade.

A obra declara firmemente o direito das mulheres à independência, autonomia e autodeterminação.



BEAUVOIR, Simone de
Le deuxième sex / Simone de Beauvoir. - Paris : Gallimard, cop.
1949 (1973). - 2 vol. (510, 504 p.) ; 18 cm. - (Idées ; 152, 153).
Trad. do francês.
Cota: 1.6 - BEA/DEU - 441-443 00361 2 vol. 3 exemp.

Maria Archer (1899 - 1982)

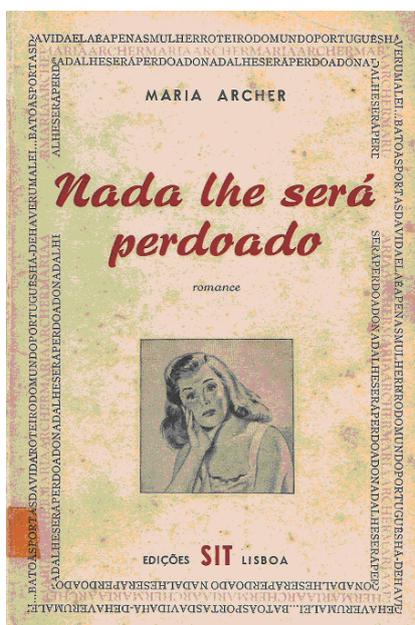
Maria Archer nasceu em Lisboa, em 1899, e faleceu em 1982. Aos 16 anos terminou a quarta classe, tendo aprendido por iniciativa própria.

A autora escreveu novelas, romances, ensaios e peças de teatro ao longo da sua vida. Das suas obras destacam-se *Ida e Volta numa caixa de cigarros*, de 1938, e *Casa sem Pão*, de 1947, livros apreendidos pelo Estado Novo.

Maria Archer é considerada uma escritora de literatura feminina de meados do século XX pelo enfoque dado nas suas obras à mulher portuguesa e os seus problemas familiares e sociais.

Nada lhe será perdoado

Romance sobre a mentalidade da sociedade portuguesa das décadas de trinta e cinquenta. O romance tem como protagonista Biluca Morgado, que é criada no seio da alta burguesia do Algarve, embora se sinta sempre como sendo bastarda.



Biluca não chega a fazer uma aprendizagem num colégio, dado que os valores atribuídos pela burguesia a valores materiais, entre os quais um casamento adequado e o poder do dinheiro se sobrepõem às necessidades pessoais. As regras sociais e o ambiente inóspito acabam por levar Biluca a cortar laços com a sua família e partir para Lisboa, cidade cosmopolita, em busca da liberdade e autonomia. Todavia, a descoberta de um mundo socialmente semelhante ao qual tinha vivido acaba por revelar uma

sociedade sexista, onde os estereótipos predominam e onde a mulher não tem espaço nem lugar para sobreviver.

A busca constante da independência económica traduz-se na busca por um casamento que a poderia salvar das críticas sociais: Todavia essa oportunidade nunca surge e sem ela, não existe a possibilidade de total independência. Assim, somente resta a Biluca Morgado o fracasso.

ARCHER, Maria

Nada lhe será perdoado / Maria Archer. - 2ª ed. - Lisboa : SIT, [ca 1952]. - 316 p.; 19cm

Cota: 12.2.4. - ARC/NAD - 760CDAF 00609

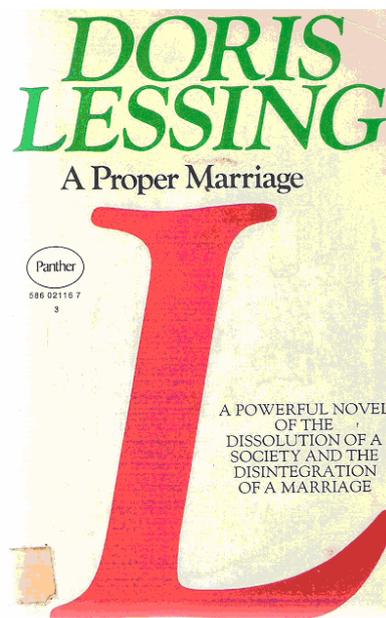
Doris Lessing (1919 - ...)

Doris Lessing nasceu em 1919 no actual Irão e é uma escritora britânica. Entre a sua vasta obra destacam-se os livros pertencentes à série *Children of Violence*, cuja personagem principal é uma mulher chamada Martha Quest. Dos cinco livros que compõem a colecção salienta-se *A Proper Marriage*, de 1954.

A autora recebeu vários prémios ao longo da sua carreira, sendo o mais recente o Prémio Nobel da Literatura, em 2007.

A Proper Marriage

A obra pertence a uma sequência novelística, todavia pode ser lida independentemente da leitura dos restantes livros. A obra reflecte sobre a situação das mulheres na instituição do casamento e as alterações provenientes deste para a sua própria vida pessoal e social. Martha Quest, a personagem principal da obra, revela ao leitor a modificação gradual da sua vida e conseqüente descontentamento com uma suposta nova vida, que se revela como uma



prisão à sua liberdade. Ao longo da obra existe uma evolução da personagem acompanhada pela desintegração do seu próprio casamento: de uma suposta felicidade inicial, passando pelos primeiros momentos de revolta que se agravam com a chegada de um bebé, o início da Guerra e partida do marido com o exército. Martha questiona sempre onde se encontra a sua liberdade e de que forma ela a perdeu com o casamento.

Doris Lessing criou uma obra onde questiona o casamento enquanto instituição promovida por uma sociedade patriarcal, cujo maior objectivo é a promoção da subjugação da mulher. Eis a questão que a obra lança: "Até onde vai a liberdade da mulher e o poder da sociedade sobre o seu pensamento? "

LESSING, Doris

A proper marriage / Doris Lessing. - cop. 1964. - Herts : Panther Books, 1966. - 379 p. ; 18 cm. Trad. do inglês.

Cota: 12.2.4 - LES/PRO - 765 CDAF 00613

BETTY FRIEDAN (1921-2006)

Betty Friedan nasceu em Illinois, nos Estados Unidos da América, e foi uma das grandes impulsionadoras do movimento feminista nos anos 60. A obra de maior êxito da autora é *A mística feminista*, publicada em 1963 e que constituiu um 'bet-seller' na época. Esta obra foi uma referência para o Feminismo de Segunda Vaga.

Após o grande sucesso da sua obra torna-se líder da National Organization for Women (NOW), e ainda das seguintes organizações: The National Abortion Rights League, e The National Women's Political Caucus. Os grandes objectivos das três organizações são a defesa dos direitos das mulheres, que passam pelo direito ao aborto, a conquista da igualdade salarial, a repressão do sexismo na publicidade e media, assim como a necessidade das mulheres se

afirmarem como autónomas e independentes numa sociedade marcadamente sexista.

A mística da mulher (Tit. Original: The feminine mystique)



O fim da Segunda Grande Guerra levou os governos a incentivarem as mulheres a "regressarem a casa " deixando os postos de trabalho, até aí ocupados por elas, aos homens, para se dedicarem ao papel de esposas e mães como único meio possível de obter "a felicidade". Todavia, tal "felicidade" não chega a ser alcançada.

Betty Friedan explora e investiga o porquê da necessidade das mulheres de se esconderem por trás de um casamento infeliz e num papel de mães desprovido de qualquer tipo de satisfação pessoal. A autora chega a definir a casa como um «*camp de concentration confortable*» (in *Le xxe siècle des femmes*, de Florence Montreynaud, Ed. Nathan, Paris. 2001:496).

A mística feminina nasce, então, da diferença entre a realidade das mulheres e a imagem criada pela própria sociedade do que deveria ser a mulher, através da qual a sua realização enquanto "ser feminino" passava pela imagem criada artificialmente: "A dona de casa americana é saudável, bela, educada e as suas únicas preocupações resumem-se a marido, filhos e casa." (1965:8), Desta forma as mulheres são remetidas para um espaço privado, como serventes ao serviço dos seus maridos e filhos.

O título da obra de Friedan remete para uma série de documentos e textos que denunciam uma América tipicamente

masculina, onde prevalece a ânsia de criar uma nova imagem da mulher, cuja nova feminilidade fica subjugada e submetida a um estado contínuo de inferioridade, promovendo-se o denegrir do seu próprio ser, suportando constantes crises de personalidade inadaptada.

FRIEDAN, Betty

A mística da mulher / Betty Friedan ; trad. José Vaz Pereira. - Lisboa : Ulisseia. - 409 p. ; 21 cm. - (Documentos do Tempo Presente ; 42)

Cota: 1.6 - FRI/MIS - 409 CDAF 00332

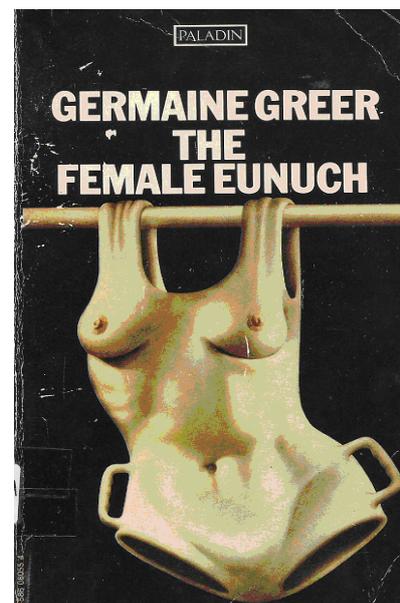
GERMAINE GREER (1939 - ...)

Germaine Greer nasce na Austrália em finais da década de 30. A partir de 1972 define-se como sendo anarquista. Actualmente encontra-se a leccionar no departamento de Literatura Inglesa e Estudos Comparativos na Universidade de Warwick, em Coventry, no Reino Unido.

A sua obra mais importante, *The Female Eunuch*, foi publicada em 1970 e insere-se dentro do Feminismo de Segunda Vaga.

The Female Eunuch

Na sua obra *The Female Eunuch*, Germaine Greer apela à libertação das mulheres, defendendo que as mesmas se encontram condicionadas pela sociedade em que habitam, a partir do momento do seu nascimento pelas instituições da família, educação e sociedade. Estas mesmas acabam por praticar uma espécie de mutilação física e psicológica sobre as mulheres, anulando a própria sexualidade das mesmas ao torná-las



num objecto sexual para uso e apreciação por parte de outros seres – os homens.

Segundo a autora, a sociedade valoriza características como a timidez, a delicadeza, o pudor, suprimindo a libido e o desejo da mulher, castrando-a na sua própria sexualidade, devido à imposição dos estereótipos vigentes na sociedade tipicamente sexista.

GREER, Germaine

The female eunuch / Germaine Greer. - London : Paladine, 1971. - 354 p. ; 20 cm. Trad. do inglês.

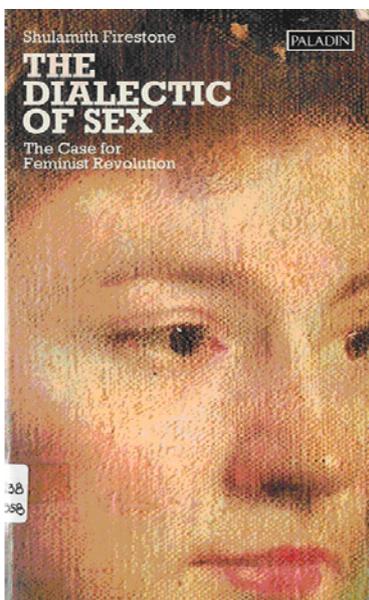
Cota: 1.6 - GRE/FEM - 321 CDAF 00263

SHULAMITH FIRESTONE (1945 - ...)

A autora canadiana, nascida em 1945, deu contributos teóricos importantes para a corrente radical do feminismo. Ajudou na fundação/formação dos seguintes grupos feministas: New York Radical Women, Redstockings, e New York Radical Feminists.

Em 1970 lança a sua obra, *A dialéctica do sexo*, que viria a ser um dos textos mais importantes na segunda vaga do movimento feminista.

The dialectic of sex. The case for feminist revolution



Shulamith Firestone debate as ideias de Sigmund Freud, Karl Marx, Frederich Engels e Simone de Beauvoir para construir uma teoria feminista política, debatendo-se contra a sociedade patriarcal. De acordo com a autora o objectivo da revolução feminista deve passar por um domínio do corpo: "Admitir que o desequilíbrio sexual do poder está baseado biologicamente não significa perder a nossa

causa. Assim como para assegurar a eliminação das classes económicas é preciso a revolta da classe baixa (o proletariado) e, numa ditadura temporária, a tomada dos meios de produção, assim também, para assegurar a eliminação das classes sexuais, é preciso a revolta da classe baixa (as mulheres) e a tomada do controle de reprodução: a restituição às mulheres da propriedade dos seus próprios corpos, bem como do controlo feminino da fertilidade humana" (in *A Dialéctica do Sexo*. Rio de Janeiro. Labor do Brasil, 1976. pp. 20-21). De facto, a desigualdade de género tem as suas origens no patriarcado, que fundamenta as suas bases nas questões biológicas pertencentes somente às mulheres, tais como a reprodução, o aborto e a contraceção.

Firestone defende a reprodução em laboratórios, assim como a necessidade do aborto e contraceção para libertar a mulher da sua condição biológica. Desta forma, a mulher pode libertar-se da ideologia patriarcal e, conseqüentemente da desigualdade imposta pelo género. Além disso, a autora defende a abolição da família nuclear em prol de uma vida em comunidade inserida dentro de uma sociedade socialista. Só através da adopção de tais medidas podem as mulheres viver em igualdade e em plena acção dos seus direitos e valores.



FIRESTONE, Shulamith

The dialectic of sex : the case for feminist revolution / Shulamith Firestone. - [S.l.] : Paladin, 1972. - 224 p. ; 20 cm. Trad. do inglês

Cota: 1.6. - FIR/DIA - 238 CDAF 00358

ROBIN MORGAN (1941 - ...)

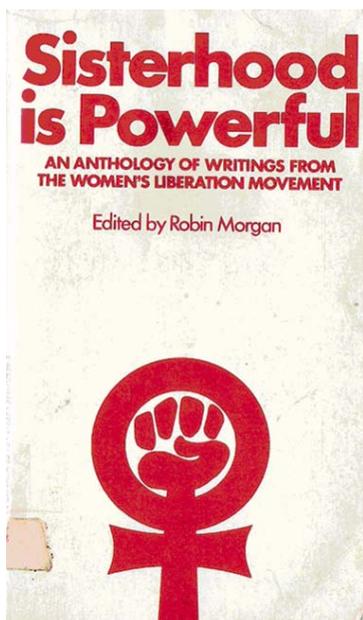
Robin Morgan nasceu em 1941, na Florida, no entanto viria a mudar-se para Nova Iorque, onde se manteve até aos dias de hoje.

Apesar de ter tido um início de vida ligado à carreira de atriz, esta feminista viria a abandonar uma vida ligada ao espectáculo para se dedicar à escrita.

Os anos 60 marcam o início das suas publicações, assim como o início do activismo político: desde as manifestações contra o sexismo, passando pelo MLM (Movimento de Libertação de Mulheres), e pela criação do W.I.T.C.H., em 1968, grupo radical feminista.

Em 1970 edita uma das primeiras antologias de ensaios de feministas radicais, *Sisterhood is Powerful*. Desde então, esta feminista não tem parado de escrever, publicar e editar artigos e poesia relacionados com os feminismos.

Sisterhood is Powerful



Antologia de textos do WLM (Women's Liberation Movement). O livro editado por Robin Morgan é composto por artigos, poemas, ensaios, fotografias e manifestos relativos ao novo movimento feminista da década de 70. A obra reflecte os problemas vividos pelas mulheres em vários aspectos das suas vidas.

O livro divide-se em partes específicas: desde a questão do sexismo e da maternidade, passando por testemunhos e ensaios sobre a vivência das mulheres em áreas diferentes da sociedade (medicina, doméstica, media, militar, proletariado, igreja/catolicismo, academia); abordando também a questão da sexualidade, da repressão sexual e psicológica vivida pelas mulheres.

Além dos temas acima mencionados, a obra incide também sobre mulheres que pertenciam ao "The Black Liberation Movement" e ao movimento feminista chicano que, através da escrita de poemas e documentos oficiais de protesto contra a sociedade patriarcal

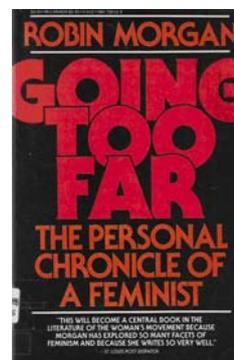
vigente, se revoltaram e lutaram contra os dogmas institucionalizados na sociedade americana.

SISTERHOOD IS POWERFUL

Sisterhood is powerful : an anthology of writings from the Women's Liberation Movement / ed. Robin Morgan . - New York : Vintage, 1970. - 648 p. : fotos. - (; V539). Trad. do inglês.
Cota: 1.1. - MOR/SIS - 420 CDAF 00342

Going too far. The personal chronicle of a feminist

Uma crónica pessoal sobre o seu envolvimento pessoal e luta pelos direitos das mulheres. A autora retrata a sua vida de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade até ao momento em que começou a sua luta em prol dos direitos das mulheres.



MORGAN, Robin

Going to far : the personal chronicle of a feminist / Robin Morgan. - 1st ed. - New York; Toronto: Vintage, 1978. - 333 p. ; 21 cm. - (Vintage ; 612. Women's Studies). Trad. do inglês.
Cota: 1.6. - MOR/GOI - 388 CDAF 00315

JOHN STUART MILL (1806 – 1873)

Nasceu perto de Londres, em 1806, sendo o filho mais velho do filósofo escocês James Mill.

Mill foi educado pelo seu pai, tendo uma educação extremamente rigorosa, o que o tornou numa criança precoce e sem qualquer contacto com crianças da sua idade, excepto os seus irmãos. Todavia, este estudo intensivo viria a ter repercussões no

jovem Mill, que aos 20 anos de idade sofre de um esgotamento nervoso.

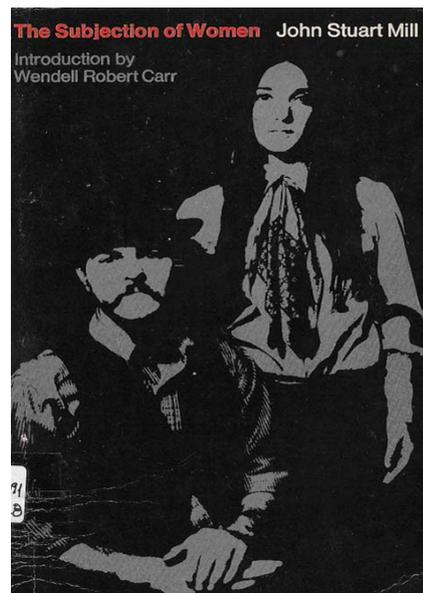
Em 1951, Stuart Mill casa-se com Harriet Taylor, com quem mantinha amizade, sendo esta quem influenciou o trabalho de Mill em prol dos direitos das mulheres. As suas obras mais emblemáticas relativas a esta área são *On liberty* e *The subjection of women*.

John Stuart Mill faleceu em Avignon, França, em 1873, e encontra-se enterrado ao lado da campa de Harriet Taylor.

The Subjection of Women

Stuart Mill dedicou-se à luta dos direitos das mulheres, em especial no que concerne ao direito de voto.

Em 1869, Mill publica a sua obra ensaística *The Subjection of women*, que viria a ser altamente controversa e debatida. Mill defende a independência das mulheres, acreditando que elas vivem num estado de escravidão e total dependência dos homens. Desta forma, a obra funciona como um apelo à liberdade e reivindicação dos mesmos direitos por parte das mulheres.



Segundo o autor, o carácter e a personalidade das pessoas são influenciados pela sociedade em que vivem e, conseqüentemente, pela educação providenciada a cada um. Partindo da premissa de que a educação molda o ser humano e, no seu todo, a sociedade, a primeira pode e deve ser alterada de forma a permitir o desenvolvimento do próprio ser humano e, conseqüentemente, da sociedade, cuja maior conquista será o respeito e a libertação das mulheres do jugo dos homens. Só através desta alteração sociológica poderá o ser humano viver em plena harmonia.

MILL, John Stuart

The subjection of women / John Stuart Mill ; introd. Wendell Robert Carr. - 1st ed. - Massachusetts : MIT, 1970. - 101 p. ; 21 cm. - (MIT ; 159. Sociology). Trad. do inglês.

Cota: 1.6. - MIL/SUB - 391 CDAF 00318

MARY NASH

Mary Nash é professora de História Contemporânea em Barcelona, Espanha, e presidente da Associação Espanhola de História das Mulheres.

Defying Male Civilization: Women in the Spanish Civil War.



Através da sua obra a autora analisa o papel das mulheres e a sua contribuição para a Guerra Civil espanhola (1936-1939). Apesar da situação de guerra as mulheres reuniram-se e organizaram-se para lutar contra o fascismo, através da publicação de artigos em jornais antifascistas, e criação de serviços de sobrevivência e subsistência.

Após este envolvimento na Guerra Civil espanhola, as mulheres sentiram necessidade de continuarem envolvidas na sociedade. Esta ligação fê-las questionar sobre o seu papel na sociedade em que se encontravam inseridas, devido aos valores patriarcais e às restrições impostas com base em questões de género.

NASH, Mary

Defying male civilization : women in the Spanish Civil War [Polycopy] / Mary Nash. - Colorado : Arden, 1995. - 261 p. ; 30 cm. - (Women & modern revolutions series). Trad. do inglês.

Cota: 1.1. - NAS/DEF - 662 CDAF 00532

MARIA ANTÓNIO FIADEIRO (1942 - ...)

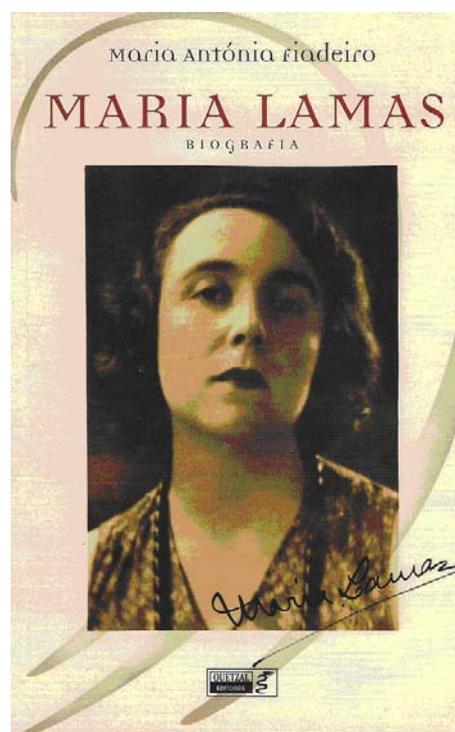
Maria Antónia Fiadeiro nasceu em Lisboa, em 1942. Jornalista, feminista e investigadora em estudos sobre as mulheres, publicou o seu trabalho de mestrado sobre *Maria Lamas* em 2003. O seu activismo político obrigou-a ao exílio no Brasil, tendo regressado em finais de 1972.

Após a revolução de Abril, dirigiu a revista *Modas e Bordados* pertencente ao jornal *O Século*. Colaborou ainda para o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Além disso, foi a primeira mulher eleita a integrar a Direcção do Sindicato dos Jornalistas.

Maria Lamas (1893-1983)

Esta obra sobre Maria Lamas é-nos apresentada com um cunho narrativo e descreve não só uma vida e luta dedicadas ao jornalismo e à conquista dos direitos das mulheres, mas também uma época marcada pelas lutas sociais reivindicativas da primeira metade do século XX.

Maria Lamas abraçou a emancipação das mulheres e a protecção das crianças, a paz, a liberdade e a cultura dos povos como causas principais para atingir a democracia moderna, valores que lhe valem a caracterização de “intelectual atípica, uma feminista tácita, uma humanista genuína.”

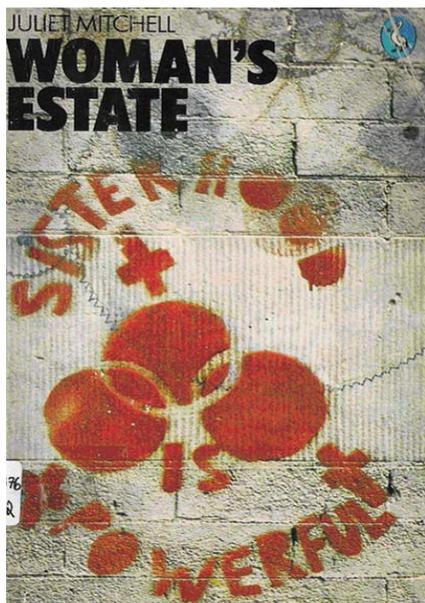


FIADEIRO, Maria Antónia
Maria Lamas / Maria Antónia Fiadeiro. - Lisboa : Quetzal, 2003. -
243, [5] p. : il. ; 23,5 cm
Cota: 1.3 - FIA/MAR - 759 CDAF 00608

JULIET MITCHELL (1940 - ...)

A autora nasceu na Nova Zelândia em 1940 e vive actualmente no Reino Unido. É Professora na Universidade de Cambridge, onde lecciona Psicanálise e Estudos de Género.

Woman's Estate



Juliet Mitchell aborda cada um dos movimentos que constituíram o MLM – *Movimento de Libertação de Mulheres*, para, posteriormente, definir os princípios do mesmo de forma a estabelecer e definir as formas de opressão e repressão existentes na sociedade. A autora descreve métodos para combater o padrão vigente imposto às mulheres, acreditando que somente através da harmonia e da junção entre os diferentes

movimentos, tais como o movimento estudantil, o movimento hippie, os marxistas e o movimento afro-americano, é que as mulheres poderão encontrar e formular uma estratégia vencedora e passível de ter corpo e voz na sociedade em que se encontram.

MITCHELL, Juliet

Woman's estate / Juliet Mitchell. - London : Penguin (1974). - 182 p. ; 18 cm. Trad. do inglês.

Cota: 1.6 - MIT/WOM - 344, 376 00282 2 exemp.

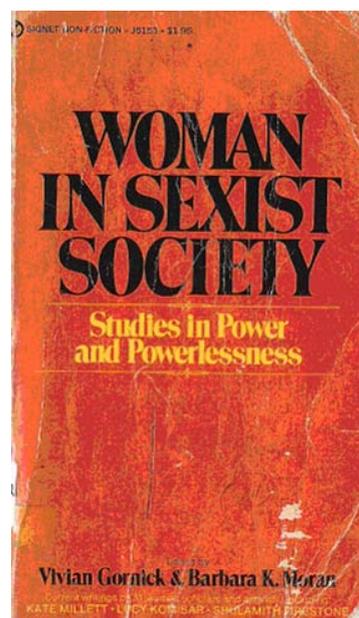
VIVIAN GORNICK / BARBARA K. MORAN

Vivian Gornick e Barbara K. Moran são duas ensaístas e críticas americanas que reuniram na obra *Woman in Sexist Society. Studies*

in power and powerlessness uma série de ensaios sobre a condição da mulher na sociedade.

Woman in Sexist Society. Studies in power and powerlessness

O livro, publicado em 1971, reúne um conjunto de artigos sobre a situação das mulheres. A obra divide-se em quatro partes: o mito e a realidade da beleza, amor e casamento; a construção da mulher; a mulher no trabalho; questões sociais e feminismo, onde aspectos relativos às áreas da educação, homossexualidade, raça e radicalismo são abordados. Autoras feministas como Kate Millet, Elaine Showalter e Shulamith Firestone contribuíram com ensaios para a construção desta obra.



Os vários ensaios mostram a “condição das mulheres” como sendo o resultado de uma educação cultural intrínseca da sociedade sexista, da qual fazem parte, e que as impedem de se tornarem sujeitos de elas mesmas, patriarcado esse que impõe a dependência e subjugação em prol do si mesmo, por oposição à independência e libertação dos valores tradicionais.

WOMAN IN SEXIST SOCIETY

Woman in sexist society : studies in power and powerlessness / ed. e introd. Vivian Gornick, Barbara K. Moran; Alta, e outras. - New Jersey: Signet: New American Library (1972). - 704 p. ; 18 cm. - (Non-Fiction Books ; 5153). Trad. do inglês.

Cota: 1.6 - GOR/WOM - 362 CDAF 00299

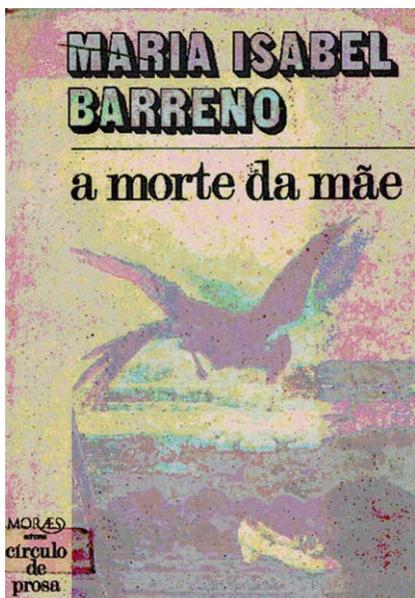
MARIA ISABEL BARRENO (1932 - ...)

Maria Isabel Barreno nasceu em Lisboa, na década de 1930. Romancista e ensaísta consagrada dos anos 1960 e 1970, a autora também se dedica às artes plásticas, nomeadamente à tapeçaria. Desempenha funções de Conselheira Cultural para o Ensino do Português em África. Tem colaborado desde a década de sessenta em vários jornais e revistas

Barreno foi uma das pioneiras do movimento feminista em Portugal e co-fundadora do MLM. É uma das *três Marias* que escreveu as *Novas Cartas Portuguesas*.

Uma das suas obras mais marcantes é *A morte da mãe*, publicada em 1972.

A morte da mãe



Belíssimo este livro de Maria Isabel Barreno. Nele se desconstruem mitos em torno de uma “mulher – natureza”, arredada de uma História feita pelos homens: “A História dos homens está nos livros, mas a história das mulheres é só decifrável ao longo de cada vida”. Nos “caminhos das mulheres”, Maria Isabel Barreno fala, no final do livro, da desconstrução dos quotidianos, “nos gestos sustidos e proibidos, balbuciente linguagem que não entra no racional oficial”.

BARRENO, Maria Isabel

A morte da mãe / Maria Isabel Barreno. - 1ª ed. -

Lisboa : Moraes, 1979. - 393, [5] p. ; 20 cm. - (Círculo de prosa)

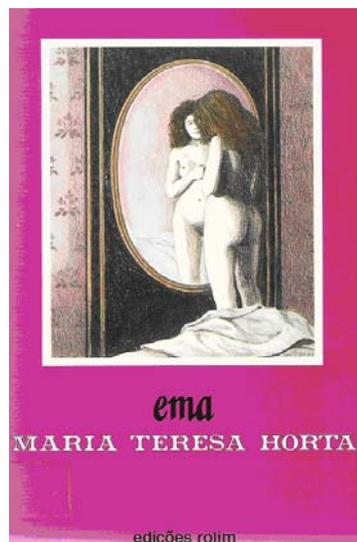
Cota: 12.2.4 - BAR/MOR - 762 CDAF 00610

MARIA TERESA HORTA (1937 -...)

Maria Teresa Horta nasceu em 1937. Escritora e feminista, a autora foi fundadora em Portugal do MLM – Movimento de Libertação das Mulheres e, juntamente com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, escreveu *As Novas Cartas Portuguesas*, em 1971, livro apreendido pela PIDE. As três autoras ficaram conhecidas pelas *três Marias* e foram sujeitas a julgamento. A campanha de solidariedade internacional movida pelas feministas em diversos países fez deste livro um “manifesto feminista” para as mulheres da segunda vaga dos feminismos. Dirigiu o ABC Cine-Clube e fez parte do grupo Poesia 61. Colaborou em diversos jornais e revistas e foi chefe de redacção da revista *Mulheres* na década de 1980.

Ema

Em 1984, Maria Teresa Horta publica *Ema*. A obra explora a sensualidade e o erotismo feminino e feminista da mulher, presente numa linguagem imagética, assim como os pensamentos por parte da personagem Ema – a exposição do corpo, a violência das relações e a explosão da sensualidade da mulher são algumas das sensações e experiências vividas pela personagem.



HORTA, Maria Teresa

Ema / Maria Teresa Horta. - 2ª ed. - Lisboa : Rolim, 1985. - 131 p. ; 20 cm

Cota: 12.2.4 - HOR/EMA - 763 CDAF 00611

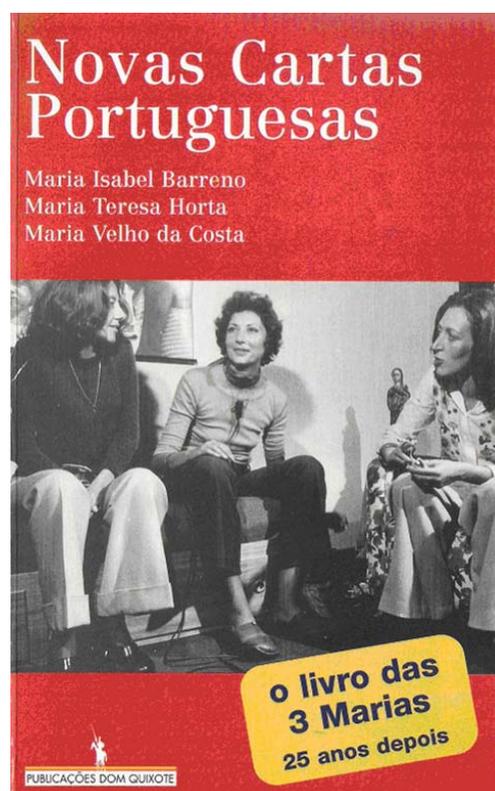
MARIA TERESA HORTA / MARIA ISABEL BARRENO / MARIA VELHO DA COSTA (1938 - ...)

Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa escreveram as *Novas Cartas Portuguesas*. Obra publicada em 1972, na época do Estado Novo, o livro foi apreendido pela censura política e foi instaurado um processo de julgamento às três escritoras. Proibido em Portugal, o livro circulou mundo e criou-se um movimento de solidariedade feminista em torno das três autoras, que passaram a ser conhecidas pelas *três Marias*.

Novas Cartas Portuguesas

Novas Cartas Portuguesas consistem num conjunto de 15 cartas ficcionais, poemas, ensaios e manifestos, que retratam o desapontamento com a sociedade da época. A obra foi inspirada nas cartas de Mariana Alcoforado, freira portuguesa do século XVII, apaixonada por um soldado francês que a seduziu e abandonou.

As *Novas Cartas Portuguesas* reflectem o pensamento das mulheres e a vivência das mesmas numa sociedade totalitária, que preconiza a subjugação das mulheres aos homens. O livro defende os ideais de libertação das mulheres.



BARRENO, Maria Isabel, e outras
Novas cartas portuguesas / Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta,
Maria Velho da Costa. - 7ª ed. - Lisboa : Dom Quixote, 1998. - 322
p.; 21 cm

Cota: 12.2.4 - BAR/NOV - 765 CDAF 00614

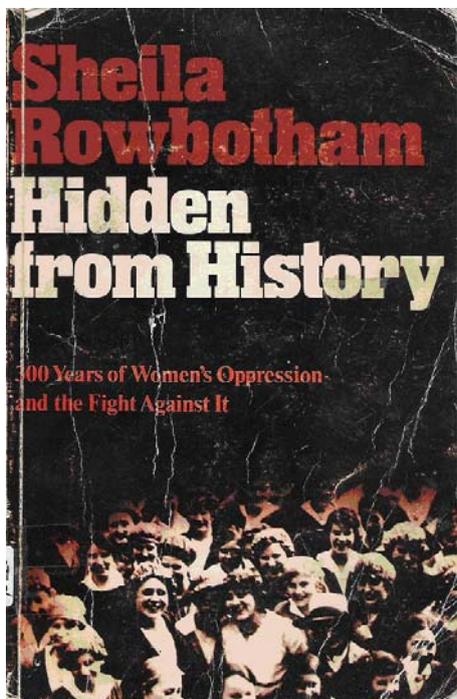
SHEILA ROWBOTHAM (1943 - ...)

Sheila Rowbotham nasceu em Inglaterra na década de 1940, e tornou-se professora.

Nos anos 60, Rowbotham envolve-se com o Women's Liberation Movement, que incorporou o Feminismo de Segunda Vaga. A autora publica vários livros ao longo da sua vida, lutando sempre contra a opressão das mulheres que, segundo a mesma, deriva das forças económicas e culturais.

Em Março de 2008, a notícia de que Sheila Rowbotham não terá o seu contrato renovado na Universidade de Manchester originou uma onda de protestos por parte de estudantes e colegas que desejam a continuidade da mesma na Universidade.

Hidden from History. 300 years of women's oppression and the fight against it.



Hidden from History reúne uma série de artigos sobre temas especificamente relacionados com a posição das mulheres em Inglaterra, desde a revolução "puritana" até à década de 1930.

A autora define o seu livro como se de uma espécie de panfleto se tratasse, onde aborda os problemas existentes na sociedade inglesa, que continuam por resolver e pelos quais se deve continuar a lutar.

Os temas confrontados pela autora são a sexualidade feminina, onde se destacam o direito ao aborto e à contracepção; assim como a opressão e exploração das mulheres no mundo do trabalho. Sendo a autora uma activista socialista ela

acredita que a opressão das mulheres se encontra fortemente interligada com a exploração criada pelo capitalismo.

ROWBOTHAN, Sheila

Hidden from History : 300 years of women´s opression and the fight against it. / Sheila Rowbothan. - 1st ed. - London : Pluto, 1973. - 182 p.; 22 cm. Trad. do inglês.

Cota: 1.1. - ROW/HID - 384 CDAF 00312

KATE MILLET (1934 - ...)

Kate Millet nasceu no dia 14 de Setembro de 1934 no Minnesota, Estados Unidos da América. Millet foi activista na política feminista entre as décadas de 1960 e 1970. Em 1966 tornou-se membro do Comité da National Organization for Women (NOW).

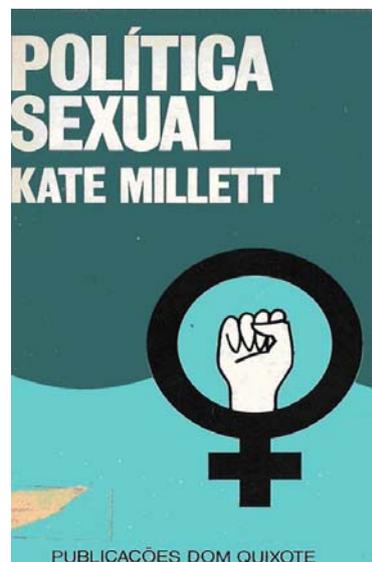
A sua obra, *Sexual Politics*, publicada em 1971, tornou-se numa referência do feminismo de segunda vaga, marcado pela luta contra o imperialismo e chauvinismo masculinos.

Política Sexual

A tese de doutoramento de Kate Millet tornou-se numa das obras fulcrais para o movimento feminista. Na sua obra, a autora defende ferozmente a ausência de diferenças entre homens e mulheres, excepto nas suas características genitais.

Millet faz uma análise histórica, social e política para provar a sua afirmação.

A autora começa por definir o 'masculino' e 'feminino' enquanto construções sócio-culturais impostas pela sociedade e pelo ser humano, que condicionam, automaticamente, o comportamento do mesmo. Partindo deste princípio, a autora explora o tipo de condicionamentos sociais dos quais a mulher é alvo.



Millet começa por abordar a questão da revolução sexual, com o objectivo de desmistificar todos os que defendiam o poder e autoridade do masculino.

De seguida, menciona a importância do acesso à educação e da criação de colégios e universidades para mulheres que permitiram o início do movimento de mulheres. Somente com a educação surgiria a organização política que viria a sustentar teoricamente o Movimento Abolicionista. A intervenção das mulheres neste movimento pela abolição da escravatura viria a incentivar a luta pela sua própria emancipação das mulheres. Kate Millet reflecte, ainda, sobre a formação do sistema de patriarcado, aguerrido defensor da subjugação das mulheres. Este poder dos homens foi-lhes atribuído devido a um suposto poder paternal, acabando por alterar a estrutura da sociedade.

Na segunda parte da sua obra, Kate Millet menciona a "A Contra Revolução", onde os modelos nazi e socialista são usados para descrever um modelo que pode ser usado para interpretar "os problemas enfrentados por outros regimes no decurso da revolução sexual" (1974:147). Para além destes dois regimes que valorizavam e davam primazia ao casamento e à família, surge também na Psicologia e na Psicanálise a noção de que a mulher se sentia inferior ao homem, por sentir inveja do pénis e um complexo de inferioridade, tal como Freud proclamava. Segundo Freud, a mulher era um ser fraco que continha três características que definiam a personalidade feminina, tais como o masoquismo, a passividade e o narcisismo. Este pensamento detém o pensamento patriarcal dominante na sociedade e fortaleceu esse mesmo, prejudicando a revolução sexual iniciada. Freud é apenas um dos muitos pensadores que defendem a subalternidade das mulheres.

A revolução sexual iniciada previamente teve de medir forças com a política sexual vigente numa sociedade marcadamente patriarcal e masculina, onde os papéis de género são

preestabelecidos de acordo com a norma vigente: a 'norma' da masculinidade patente no ser humano de sexo masculino.

O poder da obra *A Política Sexual* marcou o movimento feminista radical nos anos 70.

MILLETT, Kate

Política sexual / Kate Millett ; trad. do inglês por Alice Sampaio, Gisela da Conceição, Manuela Torres. - ed. portuguesa. -

Lisboa : Dom

Quixote (1974). - 256 p. ; 21 cm. - (Viragem ; 6)

Cota: 1.6 - MIL/POL - 393-395 00320 3 exemp

ERIN PIZZEY

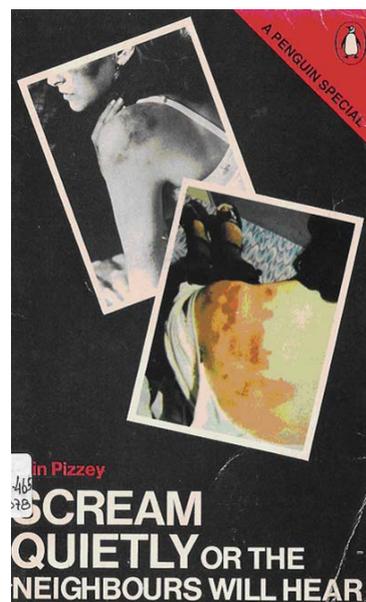
Erin Pizzey nasceu em 1939, na China. Após ter sido prisioneira de guerra, juntamente com a sua família, viajou por várias partes do mundo até que, em 1960, a autora regressou a Inglaterra.

Em 1971, Pizzey fundou a primeira casa-abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica, criando a Women's Aid, tornando-se pioneira na luta contra a violência doméstica e na criação das redes de casa abrigo para mulheres.

Scream quietly or the neighbours will hear.

Erin Pizzey retrata na sua obra a realidade da violência doméstica vivida em Inglaterra, na década de 1970, denunciando e descrevendo os problemas vividos pelas mulheres e crianças.

A obra serve como denúncia da inexistência e da desadequação dos serviços de apoio social, do sistema nacional de saúde e do sistema legal prestados a estas mulheres, pelo facto da violência doméstica



não ser considerada um crime público.

Scream quietly or the neighbours will hear contém relatos de mulheres e crianças, vítimas de violência doméstica, que passaram pela casa abrigo fundada pela autora. Os testemunhos servem como plataforma para Pizzey comentar e acentuar a gravidade da situação de todas as pessoas que são vítimas de violência doméstica.

PIZZEY, Erin

Scream Quietly or the neighbours will hear / Erin Pizzey ; ed. Alison Forbes. - Middlesex : Penguin, 1974. - 142 [1] p. ; 19 cm. - (Penguin Special). Trad. do inglês.

Cota: 4.1. - PIZ/SCR - 465 CDAF 00378

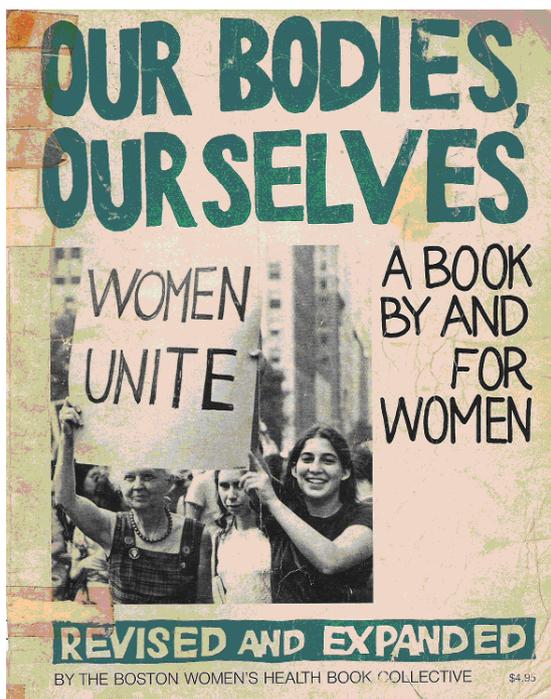
THE BOSTON WOMEN'S HEALTH BOOK COLLECTIVE.

Our bodies, Ourselves.

A obra foi escrita por mulheres e para mulheres nos anos 70. O grande objectivo deste livro, que funciona como uma espécie de "bíblia", é responder e esclarecer as dúvidas das mulheres relativamente ao seu corpo, sexualidade, problemas físicos, entre outros.

O Colectivo de Mulheres de Boston tentou responder às necessidades das mulheres sobre o seu corpo e a forma como lidavam com ele em vários aspectos.

Neste sentido, o livro desdobra-se em capítulos respeitantes à anatomia e fisiologia reprodutiva e sexual, assim como às próprias relações sexuais, métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis; trata também questões como o aborto, a maternidade, a gravidez, passando ainda por capítulos dedicados aos cuidados com o próprio corpo humano.



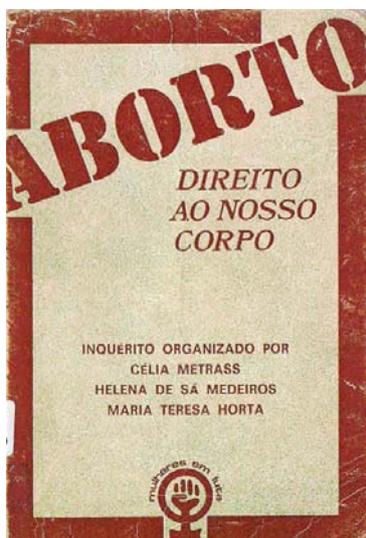
Our Bodies, Ourselves reflecte a necessidade existente nos anos 70, nos Estados Unidos de dar um maior enfoque às mulheres e ao seu próprio corpo, para que possam aprender a viver com ele e desfrutar da sexualidade com segurança. As autoras do livro pretendiam lutar por um melhor e mais adequado sistema de saúde americano que visasse o corpo das mulheres e elas próprias enquanto seres humanos.

BOSTON WOMEN´S HEALTH BOOK COLLECTIVE

Our bodies, ourselves : a book by and for women / Boston´s Women´s Health Book Collective. - 2nd ed., revised and expanded. - New York: Touchstone : Simon and Schuster, 1975. - 383 p. : il., desenhos, fotos ; 28 cm. Trad. do inglês. O CDAFEG possui a versão seguinte desta obra, intitulada: "The New Our Bodies, Ourselves"

Cota: 1.1. - BOS/OUR - 305 CDAF 00247

ABORTO, DIREITO AO NOSSO CORPO

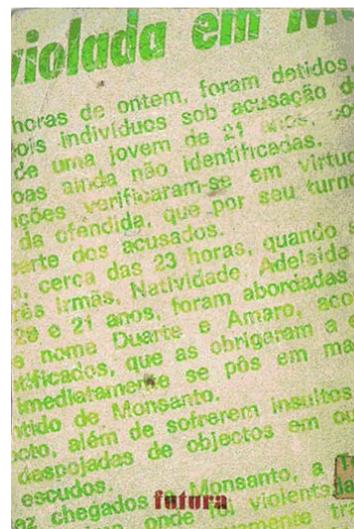


Inquérito realizado por três activistas do Movimento de Libertação das Mulheres (MLM), Célia Metrass, Helena de Sá Medeiros e Maria Teresa Horta, sobre o Aborto e as questões intrínsecas ao mesmo. A moralidade, o direito ao corpo pela mulher, a hipocrisia da sociedade, a liberdade ou ausência da mesma são postas em causa neste inquérito.

As militantes procuraram estabelecer

quais os preconceitos e opiniões de mulheres que regem a sociedade portuguesa dos anos 70.

Este trabalho de pesquisa por parte das três militantes parte da necessidade de expor a opressão vivida por todas as mulheres que se viam perante a necessidade de fazerem um aborto de forma ilegal e, muitas vezes, atroz, o que em muitos casos acabava por levar à morte.



METRASS, Célia

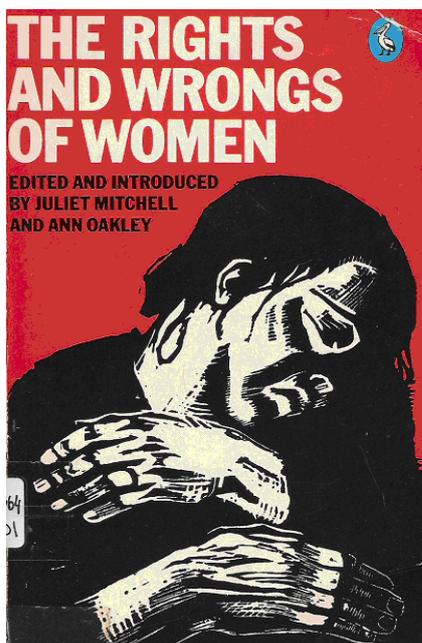
Aborto : direito ao nosso corpo / Célia Metrass, Helena de Sá Medeiros, Maria Teresa Horta. - Lisboa : Futura, 1975. - 360 p.: il. quadros ; 19

cm. - (Mulheres em Luta)

Cota: 1.1. - MET/ABO - 542-544 CDAF 00430 3 exemp.

THE RIGHTS AND WRONGS OF WOMEN

Juliet Mitchell e Ann Oakley reuniram nesta obra uma série de ensaios escritos por mulheres pertencentes a diferentes áreas de estudo: história, filosofia, literatura, sociologia, entre outras.



Cada uma das mulheres que contribuíram com os seus ensaios oferecem uma perspectiva diferente dentro do movimento feminista, todavia todas se baseiam na seguinte premissa: as mulheres devem continuar a lutar pelos seus direitos para poderem escapar a uma condição de subalternidade e de opressão. Os ensaios da obra reflectem as preocupações sociais que se encontram

directamente relacionadas com o papel das mulheres na sociedade.

O título da obra, *The rights and wrongs of women*, surge como a questão central à qual as diferentes autoras tentam responder através dos seus ensaios.

Os vários ensaios mostram ao/à leitor/a que desde o início da luta das mulheres pouco ou nada mudou, dado que a posição dominante continua a ser a masculina. Esta é uma obra que apela à reflexão e à mudança e que não deve deixar de ser lida por todas as mulheres.

THE RIGHTS AND WRONGS OF WOMEN

The rights and wrongs of women / ed. e introd. Juliet Mitchell, Ann Oakley ; Sally Alexander, e outros. - Middlesex : Penguin, cop. 1976. - 437

p. ; 18 cm. - (Sociology and Anthropology)

Cota: 1.6 - MIT/RIG - 364 CDAF 00301

ECRIRE CONTRE. Expériences, réflexions et analyses des femmes journalistes.



Colectânea de textos recolhidos no congresso « Femmes et Information », realizado em Itália, em 1977. O congresso reuniu mulheres jornalistas de todo o país que desejavam definir o papel das mulheres jornalistas nos jornais. As jornalistas eram usadas para escreverem artigos. As redacções faziam prevalecer o estereótipo da mulher, diminuindo o seu valor profissional e enquanto mulheres.

Desta forma, era-lhes negado o acesso à escrita de artigos políticos e/ou científicos, que pertenciam somente aos homens jornalistas. O

trabalho de uma jornalista reduzia-se a um espelho reprodutor da exclusão das mulheres na sociedade.

O Congresso permitiu às jornalistas definirem quais os seus objectivos de luta contra os estereótipos dominantes e reivindicarem os seus direitos, reunindo nesta obra os seus objectivos de luta e as razões da necessidade de revolta das mulheres jornalistas.

CURZI, Candida... [e outras]

Écrire contre / Candida Curzi, Bimba De Maria, Miriam Mafai, Elisabetta Rasy. -Paris : Des Femmes, 1977. - 134, [4] p. ; 18 cm
Traduit de l'italien par Marie Pavan. -Expériences, réflexions et analyses des femmes journalistes, présentées au congrès «Femmes et Information - 1977». Tit. orig. «Scrivere contro». Trad. do francês.
Cota: 15 - CUR/ECR - 36-38 00023 3 exemp.

HÉLÈNE CIXOUS (1937, ...)

Hélène Cixous, feminista francesa, nasceu em 1937, na Argélia. Cixous é professora na Universidade de Paris VIII, onde fundou o primeiro Centro de Estudos sobre as Mulheres, na Europa. Cixous é autora de várias obras de poemas, ensaios, peças de teatro, monografias sobre o trabalho de vários autores, tais como Franz Kafka, Jacques Derrida e Marina Tsvetaeva. O seu artigo "Le rire de la méduse", publicado em 1975, expõe a relação entre sexualidade e a linguagem, sendo considerado um dos seus textos mais importantes.

Hélène Cixous é considerada uma das "mães" da teoria feminista pós-estruturalista.

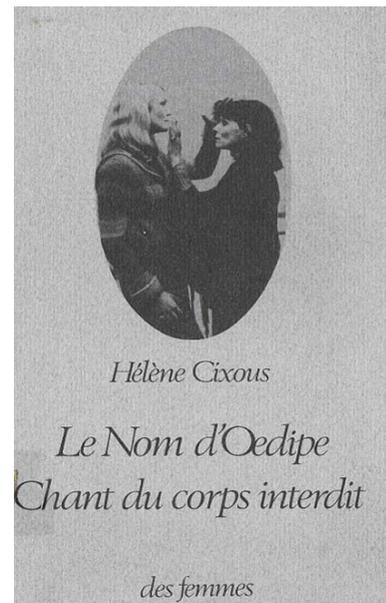
Le nom d'Oedipe. Opéra tiré de Chant du corps interdit

Peça de teatro, publicada em 1978, onde se encontra esta ópera, representada no Festival Criativo de Avignon, no mesmo ano.

A ópera fala de Jocasta e de Édipo, nomes que simbolizam todas as mulheres e todos os homens.

A inviabilidade do termo 'casal', pois todo o homem tem secretamente dois objectos de amor, não sendo a sua esposa, mas sim o reflexo da sua própria imagem, a vivência do narcisismo.

Jocasta representa todas as mulheres a quem o corpo e a fala são interditos, assim como a proibição de serem mulheres livres e plenas. Jocasta é a sabedoria e a vida.



CIXOUS, Hélène

Le nom d'Oedipe chant du corps interdit / Hélène Cixous. -

Paris : Éditions des Femmes, 1978. - 86, [8] p. : il. ; 20 cm. Trad. do francês.

Cota: 12.2.3 - CIX/NOM - 605 CDAF 00477

LA PRIMERA FUE LILITH. LA LUCHA DE LAS MUJERES EN EL MITO Y EN LA HISTORIA.

O livro é dedicado a Elene Demuth, que "serviu como criada em casa de Karl Marx y de quien tuvo un hijo"

Uma história sobre a criação do homem e da mulher, Adão e Lilith, e conseqüente afastamento da mesma para dar origem a Eva, mulher criada a partir de uma costela do homem, criando assim o



álibi para a subjugação e dependência da mulher sob o jugo do homem.

A história, em formato de banda desenhada, relata a história de Lilith, primeira mulher, enquanto símbolo de todas as mulheres desde o início da criação até à época da caça às bruxas e fim desta,

assim como lutas e ultrajes sofridos pelas mesmas até à actualidade. Lilith serve como um exemplo a seguir por todas as mulheres contra as injustiças e reivindicação dos direitos de igualdade entre mulheres e homens. As autoras da banda desenhada escrevem a sua história para apelar à necessidade de alteração das normas sociais vigentes na sociedade sexista dos anos 70.

SIMOLA, Magda

La primera fue Lilith : la lucha de las mujeres en el mito y en la Historia / Magda Simola, Lydia Sansoni. - Madrid : Libros Dogal, 1978. - 109 p. : il. ; 24 cm. Trad. do castellano.

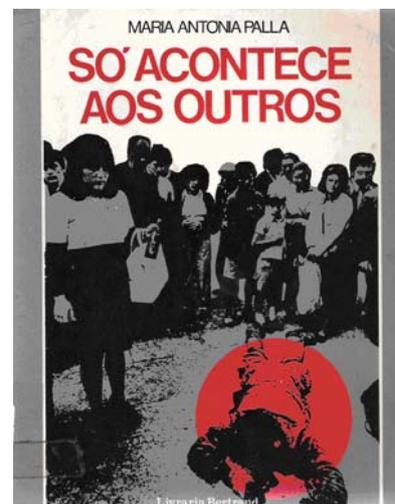
Cota: 1.1. - SIM/PRI - 78 CDAF 00061

MARIA ANTÓNIA PALLA (1933 -)

Maria Antónia Palla nasceu no Seixal e tornou-se jornalista, foi uma das primeiras mulheres a entrar para o jornalismo diário. Dirigente do Sindicato dos jornalistas. Fundadora da Liga dos Direitos das Mulheres, activista feminista na luta pela despenalização do aborto a ela se deve o despoletar desta questão para a agenda política do país com o seu programa Nome – Mulher na RTP, cuja reportagem sobre o aborto a levou a julgamento no tribunal da Boa-Hora. A onda de solidariedade então criada fez crescer o movimento pela despenalização do aborto em Portugal. Autor de inúmeras reportagens sobre a situação das mulheres, algumas delas publicadas em livro, viu também o seu livro sobre o Maio de 68 "*A revolução do Amor*" ser apreendido pela PIDE. Dirigiu a revista Máxima na década de 1990.

Só acontece aos outros. Histórias de violência

Maria Antónia Palla reúne nesta obra uma série de reportagens realizadas pela



mesma entre 1970 e 1979, antes e depois do 25 de Abril.

As reportagens abordam casos de violência sexual e doméstica, entre outras, em Portugal, contra mulheres e homens, reportando a reacção da sociedade portuguesa face aos mesmos. Destaca-se a história de Conceição Massano, mulher que foi julgada em tribunal por ter feito um aborto.

PALLA, Maria Antónia

Só acontece aos outros : histórias de violência / Maria Antónia Palla. - Amadora : Bertrand (1979). - 195 p. ; 21 cm

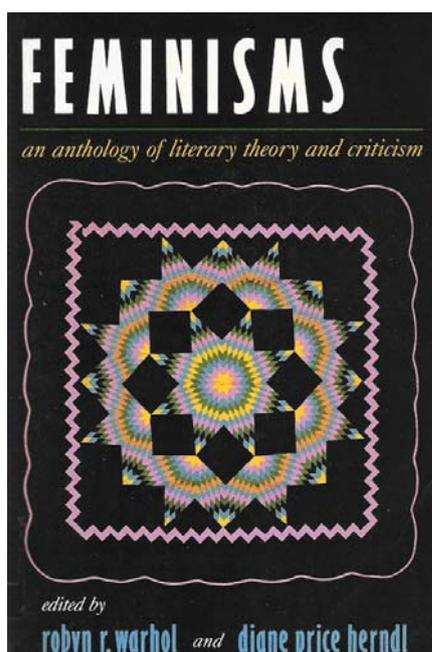
Cota: 4.1 - PAL/SOA - 471 CDAF 00383

ROBYN WARHOL / DIANE HERNDL

Robyn Warhol é professora associada da Universidade de Vermont e é autora da obra *Gendered Interventions: Narrative Discourse in the Victorian Novel (1989)*.

Diane Herndl é professora assistente de Inglês na Universidade do Estado do Novo México, Las Cruces, e é autora de *Invalid Women: Figuring Feminine Illness in American Fiction and Culture, 1840-1940*.

Feminisms, an anthology of literary theory and criticism.



Antologia de ensaios representativos da crítica literária e teórica feminista, escritos nos EUA das décadas de 1970 a 1990. A obra encontra-se organizada de acordo com as questões centrais para a crítica feminista, dividindo-se, assim, em treze secções temáticas, cada uma com uma introdução e ensaios específicos: instituições, metodologias literárias, cânone, tradição, corpo, desejo, leitura, discurso, etnologia, história, classe,

homens e autobiografia. Esta antologia é indispensável para quem deseja realizar estudos nesta área.

FEMINISMS

Feminisms : an anthology of literary theory and criticism / [ed.]
Robyn R. Warhol, Diane Price Herndl. - Hampshire : Macmillan, 1991.
- 1118 p. ; 24 cm. Trad. do inglês.
Cota: 1.6 - WAR/FEM - 427 CDAF 00347

MANUEL LISBOA

Professor no departamento de Sociologia, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Doutor em Sociologia pela mesma faculdade. Especialização em Sociologia das Organizações, Sociologia do Género e da Vida Privada e Metodologia de Investigação Sociológica. Perito internacional do Conselho da Europa como membro da *Task Force to Combat Violence Against Women*. Desde 1999, director do SociNova – Gabinete de Investigação em Sociologia Aplicada, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

PREVENIR OU REMEDIAR: OS CUSTOS SOCIAIS E ECONÓMICOS DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Síntese dos resultados do inquérito nacional de 2002 sobre os custos sociais e económicos da violência contra as mulheres.

Numa primeira parte, o livro expõe a metodologia utilizada, assim como os grandes números que constituem a



pesquisa. Posteriormente, centra-se em casos–tipo, entrevistados em profundidade, procurando os pontos de ligação entre eles, para uma posterior caracterização das pessoas, locais e conjunturas sócio-económica de todas as pessoas envolvidas.

PREVENIR OU REMEDIAR: OS CUSTOS SOCIAIS E ECONÓMICOS DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Os custos sociais e económicos da violência contra as mulheres : síntese dos resultados do Inquérito Nacional de 2002 / [coord. e introd.] Manuel Lisboa ; [co-aut.] Ana Roque, e outros. -

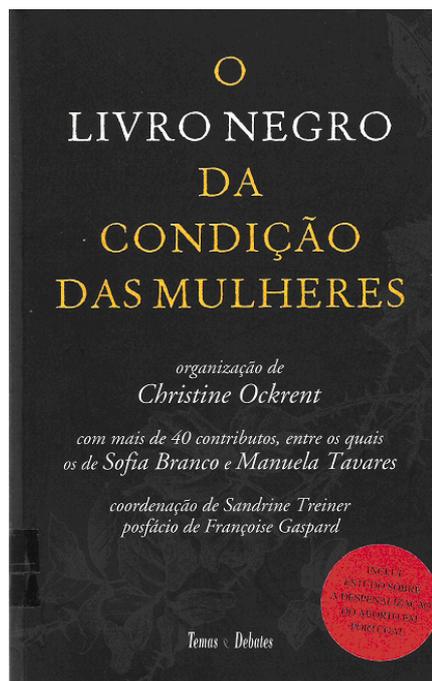
Lisboa : Presidência do Conselho de Ministros; CIDM, 2003. – 98 p. : gráficos ; 21 cm. - (Ditos e Escritos ; 17)

Cota: 4.1. - LIS/CUS - 476 CDAF 00387

O LIVRO NEGRO DA CONDIÇÃO DAS MULHERES

A obra reúne vários artigos sobre diversos temas da sociedade actual. Artigos, testemunhos, perfis e estudos internacionais que relatam a situação actual das mulheres em todo o mundo. Até onde vai a imposição da cultura e religião sobre as mulheres? Questões como o tráfico, a violência extrema, a perseguição, a ausência de direitos, a prostituição, a mutilação genital feminina e a despenalização do aborto, são algumas das questões abordadas por este

livro, onde o mais sombrio da existência das mulheres é revelado a todos os seres humanos. Ninguém pode ficar indiferente a este livro, sobretudo estando no século XXI.



O LIVRO NEGRO DA CONDIÇÃO DAS MULHERES

O livro negro da condição das mulheres / org. Christine Ockrent, coord. Sandrine Treiner; postf. Françoise Gaspard, co-aut. Fadela Amara, e

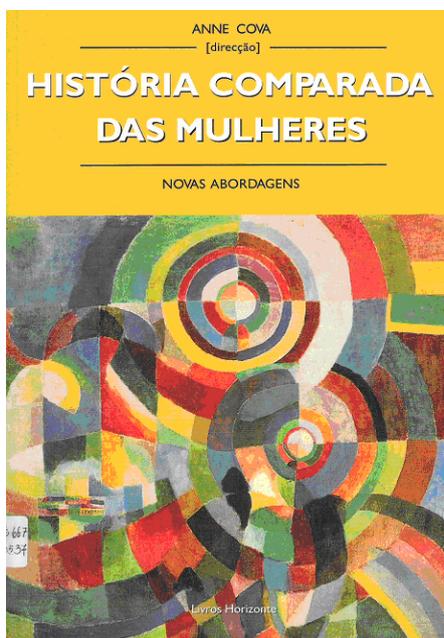
outras.... - Lisboa : Temas e Debates, 2007. - 734 p. ; 24 cm

Cota: 2 - OCK/LIV - 269 CDAF 00217

ANNE COVA

Anne Cova é doutorada em História e é actualmente investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Autora de vários livros, encontra-se actualmente a trabalhar sobre o "*Conseil National des Femmes Françaises na Terceira República*". Da sua obra destaca-se a sua publicação intitulada *História comparada das mulheres: novas abordagens*, publicada em 2008.

História comparada das mulheres: novas abordagens



O livro debate-se sobre a questão de como escrever uma história comparada das mulheres. A resposta a esta pergunta, que se mantém em debate, surge na voz de quatro historiadoras americanas: Karen Offen, Bonnie S. Anderson, Ann Taylor Allen e Susan Pedersen. As quatro debatem e exploram as inúmeras contribuições das mulheres ao longo da história para a formação e desenvolvimento da história comparada, tendo como enfoque a Europa e os Estados Unidos, desde o século XVIII até ao século XX.

Um dos grandes objectivos da escrita deste livro consiste no facto de surgir uma necessidade imperativa de reescrever uma

história comparada que permita visualizar convergências, pontos comuns e semelhanças, assim como diferenças, divergências, singularidades e especificidades na situação das mulheres numa era globalizada onde os feminismos têm necessariamente uma forte componente internacional.

HISTÓRIA COMPARADA DAS MULHERES

História comparada das mulheres : novas abordagens / dir. e introd.

Anne Cova ; co-aut. Karen Offen, e outros. -

Lisboa : Horizonte, 2008. - 134 p.; 24 cm. - (A mulher e a sociedade ; 18)

Cota: 1.1. - COV/HIS - 667 CDAF 00537